

## LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER! UM ESTUDO DAS MOTORISTAS DE PASSAGEIROS E CARGAS PERIGOSAS EM CURITIBA/PR

**Kimberlee Josiene Bonatto** - Centro Universitário Campus de Andrade (Uniandrade)

[kimberleebonatto@gmail.com](mailto:kimberleebonatto@gmail.com)

**Jéssica Alessandra de Farias** - Centro Universitário Campus de Andrade (Uniandrade)

[jessicaa\\_farias017@hotmail.com](mailto:jessicaa_farias017@hotmail.com)

**Bruno Eduardo Slongo Garcia** - Universidade Federal do Paraná (UFPR)

[professorslongogarcia@gmail.com](mailto:professorslongogarcia@gmail.com)

### Resumo

O presente artigo tem por objetivo compreender como duas motoristas de cargas perigosas e passageiros narram os desafios enfrentados em profissões majoritariamente ocupadas por homens. A partir da coleta de dados por meio de entrevistas não estruturadas, foi empregada a análise de narrativas para compreender o conteúdo das falas das entrevistadas. Desta forma, destacam-se todas as dificuldades que as mulheres enfrentam ao decorrer dos anos nas profissões que a sociedade classifica como masculinas. Assim, demonstramos que as motoristas narram os julgamentos que as colocam como incapazes de exercer profissões majoritariamente masculinas. Questões como assédio também são percebidas neste contexto e podem transitar entre assédio moral e sexual. Ademais, as mulheres são constantemente questionadas quanto as suas escolhas por profissões que culturalmente são masculinizadas, vencendo essas percepções por meio da persistência. Este estudo contribui para ampliar as discussões a respeito das assimetrias de gênero, em que as mulheres ficam limitadas a um repertório de profissões legitimadas como adequadas ao gênero, bem como dar voz as lutas que perduram a séculos por igualdade de gênero.

Palavras-chave: Mulheres, narrativas, profissões.

## Abstract

This article aims to understand how two drivers of dangerous cargo and passengers narrate the challenges faced in professions mainly occupied by men. Based on data collection through unstructured identification, narrative analysis was used to understand the content of the interviewees' statements. In this way, we highlight all the difficulties that women face over the years in the professions that society classifies as male. Thus, we demonstrate that drivers narrate the judgments they pose as incapable of exercising mostly male professions. Issues such as harassment are also perceived in this context and can move between moral and sexual harassment. Furthermore, women are constantly questioned about their choices for professions that are culturally masculinized, overcoming these perceptions through persistence. This study contributes to expand as a result about gender asymmetries, in which women are limited to a repertoire of professions legitimized as a result of gender, as well as giving voice as struggles that last for centuries for gender equality.

Keywords: Women, narratives, professions.

## Introdução

A palavra gênero é definida no dicionário português como a 'diferença' entre homens e mulheres que, construída socialmente, pode variar segundo a cultura, determinando o papel social atribuído ao homem e à mulher e às suas identidades sexuais. Não obstante, há a necessidade de 'titular' um indivíduo assim que nasce como macho ou fêmea de acordo com sua sexualidade biológica aparente (COSTA, 2018).

Isso ocorre, pois a construção de gênero se deve a fatores sociais e culturais de forma dissimulada e gradativa por meio da aprendizagem e vivência diária, por exemplo, nas escolas, igrejas, ambiente familiar, instituições governamentais e médicas, ou seja, estas limitações de gênero são ensinadas (LOURO, 2008). Neste contexto, a posição da mulher como responsável apenas pelo lar e filhos massificam a discriminação de gênero na cultura patriarcal (controle absoluto da família pela figura masculina "pai").

Neste âmbito, o final do século XIX e começo do século XX vivenciou-se principalmente em São Paulo uma industrialização e urbanização crescente, no qual os

locais públicos não eram indicados para mulheres, as quais eram bem-vindas quando acompanhadas da figura masculina como o marido ou pai para comprarem ou apenas caminhar, pois se tratava de um ser sem escolha, incapaz de responder por sua vontade (MATUELLA, 2017).

Em contraposição ao patriarcado em 1940 surge o primeiro gatilho para o feminismo, por meio da publicação da obra “Segundo sexo de Simone de Beauvoir”. Costa (2018, p.18) indaga que o movimento deveria “concentrar-se na busca de condições efetivas de transformação e superação de uma lógica de opressão e dominação”.

A diferença sexual está em consonância com as assimetrias culturais a respeito de gênero, pois a concepção das diferenças, sejam elas culturais, sociais, ou subjetivas aludem que o homem é referência dos discursos legitimados (LAURETIS, 1986; MATUELLA, 2017; COSTA 2018). Todavia, a edificação cultural do sexo em gênero é a assimetria que define todos os sistemas de gêneros, nas diversas culturas se traduzem metodicamente em uma organização de desigualdade social, conforme exposto no relatório no Banco Mundial (2012).

O acesso a direitos básicos e trabalhistas proporcionou a mulher independência financeira e a liberdade de expressão, em contrapartida trouxe a sociedade novos desafios e barreiras a serem transpostas como: o preconceito, a violência contra a orientação sexual, a discriminação racial, social e sexual comparado ao masculino ou na sua posição frente à formação de uma família (LAURETIS, 1986; MATUELLA, 2017; COSTA 2018).

Uma das profissões que passou por diversas modificações e aberturas para o mercado é o transporte, na qual a função de motorista ainda é necessária. Segundo dados da Confederação Nacional do transporte - CNT (2019) o Brasil possui 1.934,478 motoristas profissionais rodando nas rodovias federais entre autônomos, frota e cooperativas, destes apenas 5% são mulheres que em sua grande maioria trabalham como autônomas, já no mundo são 2,2 milhões de motoristas e destes apenas 17% são mulheres.

Diante do exposto, o presente estudo busca responder a seguinte questão de pesquisa: como duas motoristas de cargas perigosas e passageiros narram os desafios enfrentados em profissões majoritariamente ocupadas por homens? Este

estudo justifica-se a partir da relevância das discussões a respeito de gênero na sociedade contemporânea, uma vez, que esses dilemas enfrentados pelas mulheres perduram nos dias de hoje. Ademais, busca avançar a compreensão das mulheres em cargas perigosas e os desafios enfrentados, demonstrando que a capacidade de desempenhar a função não é atribuída ao gênero biológico. Por fim, as análises de narrativas demonstrando como as mulheres dão sentido aos seus desafios e moldam seus comportamentos e até mesmo a aparência para enfrentá-los. Para tal, encontra-se dividido em quatro seções, após esta introdução encontram-se o referencial teórico (2), percurso metodológico (3), análise dos dados (4) e conclusões (5), por fim, as referências.

### **A inclusão das mulheres no mercado de trabalho**

Até o século XIX a mulher era vista como responsável pelo lar, suas funções eram diretamente ligadas a conservação da estrutura familiar e ambiente doméstico sem valor de troca no mercado, ou seja, sem capacidade intelectual para trabalho externo (Matos e Cirino, 2016).

Com o êxodo rural durante a revolução industrial este aspecto sofreu modificações e foi preciso buscar formas de trabalhar para sobreviver e as funções desempenhadas passaram a ser em: carvoarias, mineração ou linha de produção fabril com salários baixos e sem direito algum (KECK; SIKKINK, 1998; MATUELLA, 2017)

Mediante as condições inadequadas de trabalho emergiram as primeiras manifestações feministas com as anarco-sindicalistas em defesa da regulamentação do trabalho feminino, propondo: fim das horas noturnas, jornada de 8 horas diárias e direitos políticos. Os esforços ativistas transpuseram as fronteiras e adquiriram apoio das Organizações Não Governamentais (ONGs) a fim de alcançar a pauta internacional, contudo, somente em 1975 as questões feministas foram debatidas na Conferência Internacional da Mulher no México (KECK; SIKKINK, 1998; MATUELLA, 2017).

Embora conquistas como: redução de horas laborais, regularização de jornada, obtenção de proteção aos seus direitos civis, trabalhistas e políticos (voto e participação) tenha ocorrido, a mulher é historicamente retratada como o sexo frágil,

munida de emoções e desigualdades físicas que as impedem de desenvolver as mesmas funções que um homem (MATUELLA, 2017; MEDEIROS; PINHEIRO, 2018; COLODETTI; MELO, 2021).

Matos e Cirino (2016) relatam a relação estabelecida entre a força de trabalho e a desigualdade de gênero como um conjunto de aspectos que no sistema capitalista contemporâneo precariza e dificulta a empregabilidade ou permanência feminina no mercado de trabalho, especificamente em algumas funções como: cargos de chefia, direção e poder político. A cultura empresarial patriarcal ainda é muito presente, desta forma a desvalorização da mão de obra feminina influenciam como um meio de inibir a ascensão profissional e conquista de altos cargos, tendo em vista que grande maioria das empresas é gerida por homens (COZERO, 2013; MEDEIROS; PINHEIRO, 2018).

Assim sendo, “a discriminação de gênero não se apresenta em uma mesma ocupação e estabelecimento, sempre vem acompanhada de uma segregação no interior do local de trabalho com condições gerais de trabalho (direitos, percentuais remuneratórios) inferiores” (COUTINHO, 2000, p.19). A remuneração apresenta discrepância entre os gêneros no mercado de trabalho, uma mesma função pode ter remuneração desiguais para homens e mulheres e expandida ainda mais se comparado a mulheres negras (MATOS; CIRINO, 2016).

Vista a globalização, as transformações econômicas e tecnológicas em pleno desenvolvimento, a palavra “empoderamento feminino” transfigurou-se em símbolo da luta por: direitos trabalhistas, melhores salários, equidade de gênero, liberdade de expressão e sexual, pois, hoje as discriminações estão encobertas e veladas pelas organizações, mas intrínsecas em sua cultura organizacional. Diante do exposto, a próxima seção demonstra o percurso metodológico para responder o problema de pesquisa proposto.

### **Percurso metodológico**

Este estudo busca compreender como duas motoristas de cargas perigosas e passageiros narram os desafios enfrentados em profissões majoritariamente ocupadas por homens. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, a coleta de dados

mediante a entrevistas com duas motoristas de cargas perigosas e transporte de passageiros na cidade de Curitiba/PR.

As entrevistas foram realizadas *online* devido a pandemia do COVID-19, via aplicativo *whatsapp* e e-mail, no primeiro semestre de 2020. Foi elaborado um roteiro com perguntas baseadas nos elementos narrativos a saber: resumo (proposição do narrador), orientação (tempo e lugar), complicação (acontecimentos), avaliação (atitude do narrador), resolução (o que aconteceu) e a *coda* (término da narrativa) (ZACARELLI; GODOY, 2014). As perguntas foram realizadas às duas motoristas de cargas perigosas, conforme demonstrado na Quadro 1.

Quadro 1 – Roteiro de Entrevistas

<b>Resumo</b>	
Conte-nos um pouco sobre sua vida pessoal	Lauretis (1986); Matuella, (2017)
<b>Orientação</b>	
Conte-nos sua história profissional.	Costa (2018); Medeiros e Pinheiro (2018)
Como você se vê no início de sua carreira e agora como está?	
<b>Ação complicadora</b>	
Você enfrentou alguma situação extrema em sua profissão? Pode nos contar quais e como você reagiu?	Costa (2018); Medeiros e Pinheiro (2018)
Como as mulheres eram consideradas na condução de veículos? Isso mudou?	
<b>Avaliação e solução</b>	
Você enfrentou alguma situação extrema no âmbito familiar? Pode nos contar quais e como você reagiu?	Matuella (2017); Costa (2018)
<b>Coda</b>	
Você vê mudança?	Matuella (2017); Costa (2018)
Gostaria de acrescentar algo?	

Fonte: Autores, 2020.

As questões foram elaboradas com base no referencial teórico abordado no estudo, o qual permitiu que as respondentes narrassem suas histórias de vida e profissional. As respostas foram analisadas por meio de narrativas, definida por Bruner (2002, p. 46) como “composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores”, na qual a exposição dos dados coletados será contada segundo a narrativa das motoristas participantes. Essa abordagem foi utilizada em diversos trabalhos, como Nunes (2019), demonstrando-se

adequada para compreender as particularidades das estórias narradas por seus personagens.

Para realizar a análise das narrativas, foi utilizada a abordagem temática, na qual é destacado o que é dito e experienciado pelo narrador (ZACARELLI, GODOY, 2014).

Por fim, para cumprir com os critérios de confiabilidade e validade da pesquisa qualitativa (YIN, 2016). Quanto a confiabilidade os trechos das entrevistas estão descritos na íntegra durante a análise, para cumprir com a validade o percurso metodológico encontra-se devidamente descrito nesta seção.

### **Lugar de mulher é onde ela quiser: narrativa da fênix e aurora**

Com intuito de representar as personagens narradas pelas motoristas, este estudo caracterizou as personagens a partir do seu perfil demográfico e de suas características, conforme é possível observar no Quadro 2.

Figura 2 - Perfil das Respondentes

<b>Nome</b>	<b>Como as motoristas narram a si mesmas</b>	<b>Perfil</b>
<b>Fênix</b>	Preocupada com a família; Focada no trabalho; Vivência diariamente a discriminação de gênero.	46 anos; Ensino fundamental completo; 1 filha
<b>Aurora</b>	Preocupada com família; Focada em como desenvolve seu trabalho; Preocupada com sua estética, acredita que manter os cuidados pessoais é fundamental.	36 anos; Ensino fundamental completo; 1 filho

Fonte: Autores, 2020.

O perfil das personagens foi determinado ainda durante as entrevistas, conforme as respondentes desenvolveram as respostas foi possível estipular o roteiro e seus codinomes, ambas possuem um perfil parecido com relação à escolaridade e números de filhos, mas diferente tempo de profissão.

A personagem Fênix já utiliza esse codinome há muito tempo em razão de suas lutas e história de vida, bem como é reconhecida entre os motoristas por esse codinome. A

personagem Aurora recebeu este codinome em razão a sua personalidade, com base em sua história e ao fato de ser cuidadosa com sua aparência.

A inserção feminina como profissional do transporte é recente, conforme os relatos das respondentes, em que a busca de uma oportunidade melhor de mercado e condições salariais fez com que as mulheres se voltassem às profissões majoritariamente masculinas, como no relato da Fênix a primeira personagem desta história, com 21 anos de experiência e destes 15 são como motorista carreteira de químico.

“Após um processo de separação conjugal e início de depressão, necessitava de uma renda maior para manter minha filha ainda pequena, algumas amigas me convidaram para sair, não estava no clima mais ainda assim fui como motorista, chegando à balada havia apenas uma vaga em frente o local mais que exigia ser bom em manobra, coloquei o carro de primeira e perfeitamente, foi neste momento que me perguntaram porque eu não tentava trabalhar com motorista de lotação aqui em São Paulo?, tomei como brincadeira, porém na mesma semana acabei sonhando que estava trabalhando como motorista aquilo me parecia um sinal, comentei com o meu pai e comecei a procurar por vagas.” (Fênix).

Fênix relata uma situação cotidiana como gatilho para lhe direcionar ao campo de trabalho. A escolha da profissão se deu mediante as habilidades que possui, manobrar um veículo com facilidade, por exemplo, foi uma demonstração de que possuía habilidade para a profissão. A situação de receber elogios das amigas e até mesmo o sonho trouxeram a Fênix a motivação para procurar a profissão. Nas décadas passadas as vagas eram divulgadas nos classificados e existiam oportunidades até para pessoas quem não tinha experiência.

“Consegui uma oportunidade como motorista de lotação à noite e mantive meu emprego de atendente de balcão durante o dia, porém as duas atividades me desgastaram muito e busquei novamente por outra vaga, até que em um dos classificados encontrei uma oportunidade para motorista de caminhão de pequeno porte, fui até a empresa fazer o teste e responsável não estava, confesso que fiquei bem triste no momento, mas agendamos novamente quando voltei para realizar o prático fui admitida no mesmo dia, foi nesta empresa que conheci outra colaboradora que dirigia carreta e me convidou para



conhecer a matriz da empresa, fui com a permissão do meu supervisor na época e no caminho ela me contou sua história de vida e me encorajou a trabalhar tentar. Alguns anos depois deixei a empresa e fui trabalhar em um terminal de cargas e foi ali que aprendi todos os tipos possíveis de manobra com todo tipo de caminhão e todas as formas de cuidado com químicos, de lá para cá, nunca mais deixei a boleia da carreta” (Fênix).

Fênix acumulava funções, quando iniciou sua trajetória a sociedade agregava o dever da renda familiar fosse do homem (COSTA, 2018; COLODETTI; MELO, 2021), contudo, Fênix atribuía esse dever a si mesma. A entrevistada narra que conseguiu conciliar os dois empregos até chegar à exaustão e precisar optar por apenas um emprego. Na primeira experiência conhecer outra colega de trabalho demonstrou ser um alento, as palavras de apoio e a coragem que recebeu já eram uma antecipação aos desafios que seriam enfrentados na carreira. Como retratam Matos e Cirino (2016) algumas profissões foram atribuídas aos homens e como tal trazem preconceitos e dificuldades quando se inserem novos personagens. Fênix narra um símbolo de suma importância no transporte – a boleia – tornou-se o símbolo do local de trabalho que carrega significados, lutas e, principalmente, superações que integram a narrativa da motorista.

Assim como no transporte de cargas a profissão de motorista de ônibus no Paraná cresceu muito nos últimos anos segundo registros da URBS (2020) - (Urbanização de Curitiba, SA) hoje o quadro de colaboradores conta com 60 mulheres na condução de ônibus biarticulados, alimentadores e micro ônibus representando 4,9%% da frota de 1.229 motoristas. Esses dados demonstram que no setor de transporte tem sido a profissão de diversas mulheres, como demonstra a segunda personagem entrevistada Aurora, que entrou para a profissão por meio de uma oportunidade como motorista de transporte de passageiros em Curitiba.

“Iniciei minha carreira no transporte público, segundo meu chefe fui chamada por ter habilitação e os cursos de capacitação para transporte e o mopp (movimentação operacional de produtos perigosos), no entanto, não tinha experiência, pedi para trabalhar um período sem registro, ele entendendo a minha vontade de trabalhar me deixou fazer o teste, acabei por ser admitida mesmo sem experiência, posteriormente surgiu a oportunidade de trabalhar com

caminhão betoneira (cimento) e após algum tempo na função abriu uma vaga em outra empresa para trabalhar com caminhões tanque onde me encontrei na profissão.” (Aurora).

Como retrata Aurora a ausência de experiência, bem como o fato de ser mulher a levaram a solicitar um período de experiência sem carteira assinada. Neste caso, Aurora abre mão do seu direito como profissional para comprovar que possuía capacidades para desempenhar a função. A carteira de trabalho é um símbolo que representa o acordo entre trabalhador e empresa, expressa a relação formal de trabalho, neste caso a motorista optou por demonstrar suas competências para depois concretizar ao cordo formal de trabalho. Ações como essa são recorrentes em relações desiguais, demonstrar competências para algo a fim de comprovar o mérito é fruto das desigualdades de gênero (MATOS; CIRINO, 2016; COSTA, 2018; COLODETTI; MELO, 2021).

Neste sentido, reforçar as competências pelas assimetrias de gênero, não é algo superado, mesmo no avanço profissional ainda há preconceito no círculo social da mulher quando há uma quebra de paradigmas nas relações patriarcais (COSTA, 2018; MATUELLA, 2017; COLODETTI; MELO, 2021; MEDEIROS; PINHEIRO, 2018). Para superar tal situação, a família torna-se um símbolo de apoio e superação, as mulheres precisam lidar com o medo de trabalhar com carretas devido ao tamanho físico e principalmente por se tratar de viagens longas que as fastam da família, em relação a isso Aurora narrou alguns questionamentos:

“Mas você não vai fazer viagem de longa distância e deixar seus filhos né? Como você vai impor respeito a seus filhos a distância? É muito perigoso rodar essas rodovias, você vai deixar seus filhos órfãos, foram levantadas por amigos e parentes e alguns acabaram me abandonando neste percurso.”, (Aurora).

A emancipação feminina trouxe a mulher uma soma de funções entre a sua vida profissional e a pessoal que acaba sobrecarregando seu dia a dia e a utilização do vínculo materno como um impedimento para a profissão é comum (GRANT, 2002; BELTRAME; DONELLI, 2012), as que escolhem “viver na estrada” para sustentar sua

família enfrenta um conflito interno. Como Aurora narra esses questionamentos a buscavam desencorajar, pois o apoio de pessoas próximas se constitui em um símbolo de equilíbrio da vida pessoal e profissional, contudo, para a motorista seu amor pela profissão fez com que algumas amizades e laços familiares fossem reduzidos. Neste contexto, as relações familiares são ressignificadas, conforme narra Fênix:

“Hoje minha filha já é casada e me deu dois netinhos lindos, então quando estou de folga visito sempre eles, mas quando ela era criança/adolescente tive ajuda do meu pai e da minha madrasta que é uma mãezona para mim para atendê-la enquanto trabalhava, ligava direto por orelhão e posterior pelo celular, sempre mantendo contato e a presença mesmo distante.” (Fênix).

Não diferente de Fênix, Aurora também conta com o auxílio dos seus pais e do ex-marido. O apoio da família se concretiza nas relações que Aurora estabelece com seus familiares:

“Meu filho hoje é adolescente e entende a minha profissão e sou seu orgulho, mas é sempre difícil ficar longe por muito tempo, apesar de entender que é para nosso sustento, tento sempre me fazer presente pelo celular, através de vídeo chamada, mensagens e muitas fotos. Graças a Deus ele tem um bom relacionamento com o pai e quando meus pais precisam quem olha ele é o meu ex-marido.” (Aurora).

Aurora evidencia que o apoio dos familiares é fundamental, símbolos como a conversa via vídeo chamada caracterizam a comunicação para manter os laços familiares e a proximidade, o orgulho que o filho sente de Aurora também é um símbolo de apoio para que desempenhe suas atividades. Todo esse apoio se concretiza quando a motorista vivência alguns desafios, pois a vida na estrada na direção de um caminhão nem sempre é fácil para qualquer profissional, a distância dos filhos, as dificuldades no cliente sem local para descanso enquanto o caminhão carrega ou descarrega, filas de espera e local para pernoite são problemas recorrentes que necessitam ser superados por elas. Por exemplo, os banheiros têm sido adaptados para receber diferentes gêneros no dia a dia do transporte de cargas:

“Hoje com o aumento do número de mulher na profissão algumas questões estão se modificando, a nossa maior dificuldade antes era a chegada para pernoite e não ter local para banho separado, outra questão é a discriminação por parte dos motoristas e alguns funcionários no cliente, muitas vezes perguntam onde está o motorista do caminhão? A saída sempre é levar na brincadeira e responder com educação tentando minimizar a situação” (Aurora).

Daniel (2011, p.14) contextualiza que: “A inexistência de instalações físicas para abrigar mulheres pode tornar-se uma justificativa para que as mulheres não ingressem em determinadas ocupações”. Um símbolo da luta contra esses entraves e as condições as quais as mulheres se submetem para continuar nessas profissões, o banheiro, por exemplo é um local que caracteriza a intimidade da motorista, momento em que homens e mulheres, mesmo após inúmeras discussões a respeito da igualdade de gênero e respeito, não podem compartilhar. Nesse lugar simbólico questões como assédio moral ou até mesmo sexual podem se concretizar.

Ademais, as brincadeiras citadas pela motorista representam uma herança cultural em que a profissões compete aos homens, caracterizando as diferenças de gênero que ainda permanecem. Assim como Aurora, a primeira personagem expõe fatos parecidos em que as “brincadeiras” são de cunho pessoal.

“Quando você chega a um novo cliente e encontra novos motoristas as primeiras questões são: “h, mas o marido deixa você trabalhar viajando? - Fênix: e eu sou mulher para sustentar marido?! (risos). O que você faz quando o caminhão quebra na estrada?” “você sabe trocar um pneu? - Fênix: o mesmo que você, entro em contato com a empresa e ela providencia o conserto”. Com o tempo você começa a aprender a responder às situações e driblar o machismo sempre na política da boa vizinhança para poder um contar com o outro”. (Fênix).

Situações que representam o uso da força, como trocar o pneu, são narrativas dos desafios que as mulheres enfrentam, não pelo fato de não conseguirem executar, mas,

por serem tratadas como incapazes de fazer. A dominação do cônjuge também é um símbolo da desigualdade de gênero, conforme é possível observar na fala da Fênix, espera-se que ocorra a autorização do companheiro para poder viajar, reforçando que simbolicamente a mulher só deve ser responsável pelo lar (MATUELLA, 2017). A motorista destacou, inclusive, situações que acabaram extrapolando o respeito profissional dentro de um dos clientes ou na própria empresa.

“Há poucos dias estava aguardando no cliente na fila para carregar, já havia feito o *check list*<sup>1</sup> e estava pronta quando me chamaram neste momento um motorista colega de empresa ouviu a chamada e “furou” a fila jogando o caminhão dele contra outro de uma empresa concorrente e do meu, não permitindo a minha passagem, fato esse que me revoltou no momento, assim, como a outros conhecidos que estavam no local, à única saída foi entrar em contato com empresa e abrir reclamação na ouvidoria com algumas testemunhas. Outro fato que ainda nos desrespeita é a utilização dos banheiros femininos, a empresa onde trabalho tem banheiros separados, porém, não são trancados e muitas vezes já entrei para utilizar o banheiro e algum motorista havia deixado ‘tudo urinado’ mesmo com a placa de identificação na porta e a proibição de uso masculino” (Fênix).

Atos de humilhação são formas de expressar as assimetrias de gênero, demonstrar que a mulher está em situações vexatórias, utilizar símbolos como urinar no espaço que a motorista irá utilizar, caracterizam a desigualdades de gêneros. Outra questão apontada como cotidiana entre os profissionais é a questão do assédio sexual e moral em relação às mulheres carreiras, quanto mais feminina e bonita a motorista, maiores são os assédios sofridos.

Neste contexto, Higa (2016, p.8) indaga que o assédio não precisa ser necessariamente dirigido às mulheres como gênero, e sim individualizado naquelas que, em tese, despertam maior atração sexual no ofensor. Afirma ainda que muitos confundem as tarefas profissionais como favores pessoais e as empresas precisam estar atentas as denúncias para não haver conivência (chantagens ou intimidações) que podem acarretar a responsabilização civil sobre os atos ilícitos do colaborador.

Como meio de fuga desses assédios algumas mulheres tomam posturas que as deixam mais semelhantes aos homens, como um símbolo de resistência aos desafios enfrentados. Neste contexto, as profissões majoritariamente masculinas (construção civil, linha de produção, engenharias e motoristas) as mulheres são vistas como “menos feminina”, tentando masculinizá-las, seja em sua aparência ou atitudes (LOMBARDI, 2006).

Embora se tenha essa visão da mulher com perfil masculinizado as entrevistadas demonstraram que vaidade e feminilidade não foram afetadas em meio os assédios sofridos. Aurora possui unhas longas e cuidadas e sempre está alinhada com os cabelos bem tratados, já Fênix apesar de não se considerar vaidosa em relação a maquiagens e esmaltes reflete seus cuidados com o caminhão. A desvalorização da mulher enquanto profissional infelizmente é um fator muito comum em diversos setores o que os diferencia é a tratativa dada por cada empresa, através dos relatos colhidos é possível visualizar mudanças culturais dentro das organizações que trabalham com quadro de motoristas mistos, tanto Aurora quanto Fênix relatam essas mudanças na empresa em que ambas trabalham.

Ao questionar as entrevistadas sobre a realidade da profissão no dia a dia e as mudanças percebidas ao longo dos anos de experiência na estrada e na visão de ambas a profissão tem evoluído junto com as transformações tecnológicas e não somente no conforto para dirigir, mais ao acesso a profissão e a salários equivalentes. (Aurora) “É muito bom ver que hoje tem mais mulheres no transporte e a tendência é aumentar cada vez mais, se considerarmos 10 anos atrás, a profissão está mais fácil e acessível”.

A presença de mulheres no transporte de passageiros e cargas perigosas cresceu consideravelmente nas últimas décadas e a ressignificação do perfil dessas profissionais no mercado de trabalho têm demonstrado que a cada dia elas conquistam novos horizontes e aumentam sua independência, são guerreiras que enfrentam quilômetros de distância para trazer proventos para o lar, muitas cumprem o papel de pai e mãe no sustento e na educação dos filhos, que encontraram no transporte uma oportunidade de crescimento, fato afirmado durante as entrevistas onde Fênix expôs

---

<sup>1</sup> *Check List*: uma lista de verificação de afazeres ou processos.

uma de suas maiores conquistas e orgulho: “a compra de sua casa própria, fruto do seu trabalho e dedicação na boleia do caminhão”.

## **Conclusões**

Este estudo buscou responder ao seguinte problema de pesquisa: como duas motoristas de cargas perigosas e passageiros narram os desafios enfrentados em profissões majoritariamente ocupadas por homens? A participação da mulher no mercado de trabalho atuando em áreas majoritariamente masculinas tem produzido inúmeras quebras de paradigmas, neste estudo foi possível evidenciar as lutas cotidianas com relação à função, a busca por igualdade de gênero e respeito dos colegas de profissão.

Ainda que a participação feminina tenha aumentado representa um percentual singelo em relação à quantidade de profissionais pelo mundo, pouquíssimas dessas mulheres tem alcançado função de instrução. Isso pode ser atribuído as heranças históricas e culturais de que uma mulher não é qualificada o suficiente para dar instrução e, conseqüentemente, desmotiva a demanda de mulheres por qualificação nesta área.

É possível verificar mudanças culturais em relação ao desempenho da profissão, a aceitação de mulheres na frota das empresas e com salários (salário base definido para a categoria ou comissionamento) equiparados para a função, representam avanços nas oportunidades de trabalho. Contudo, a busca por respeito ainda representa uma barreira a ser transposta, ao escolher esta função a mulher sofre discriminação quanto a sua dignidade e ao seu papel de mãe, visto que, a estrutura social ainda é voltada à desigualdade de direitos entre homens e mulheres.

As personagens deste estudo narraram seus desafios por meio de suas histórias de vida, descrevendo sentimentos e símbolos que as fazem as personagens que são. Neste sentido, representam lutas que acontecem na vida de outras mulheres, embora o intuito deste estudo não é a generalização, uma vez, que as narrativas são constituídas de histórias particulares da vida das pessoas. Assim, foi demonstrado que as narrativas são carregadas de desafios e lutas dos seus narradores.

Este estudo contribuiu como pano de fundo para pesquisas que visem apresentar contribuições para estudos voltados a temática de gênero em meio ao transporte de passageiros e cargas perigosas, pesquisas sobre estereótipos, discriminação e superação. Assim, é possível compreender as narrativas como a concretização dos personagens que assumem no seu dia a dia, bem como a necessidade de criar mecanismos de apoio nas esferas profissional e emocional, para que as assimetrias culturais e históricas vivenciadas sejam suprimidas. Sugere-se para pesquisas futuras analisar outros casos de mulheres em profissões com participação expressiva dos homens, bem como analisar outros fatores como salários e cargos estratégicos.

## Referências

BELTRAME, Greyce Rocha; DONELLI, Tagma Marina Schneider. Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. *Aletheia*, n. 38-39, p. 206-217, 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1150/115028213017.pdf>>. Acesso em: 06 Junho 2020.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo. *Cadernos de pesquisa*, n. 110, p. 67-104, 2000. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6209258>>. Acesso em: 05 Maio 2020.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO TRANSPORTE, CNT. Mulheres no transporte brasileiro. disponível em: <<https://www.cnt.org.br/agencia-cnt/mulheres-comando-transporte-brasileiro>>. Acesso em: 09 Junho de 2020.

COLODETTI, A. P. DE O. A., MELO, M. C. DE O. L. As relações de gênero no contexto socioeconômico e cultural brasileiro: estudo com mulheres motoristas de aplicativos de mobilidade urbana. *Cadernos EBAPE*, 2021. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/83382>>. Acesso em: 15 Março 2021.

COSTA, Marta Nunes da. Transformando o patriarcado? O papel da luta feminista na reconfiguração das categorias marxistas. *Trans/Form/Ação*, v. 41, n. 3, p. 125-144, 2018. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31732018000300125&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31732018000300125&script=sci_arttext)>. Acesso em: 01 Junho 2020.

COUTINHO, Aldacy Rachid. Relações de gênero no mercado de trabalho: uma abordagem da discriminação positiva e inversa. *Revista da Faculdade de Direito UFPR*, v. 34, 2000. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/1826>>. Acesso em: 08 Agosto 2020.

COZERO, P. T. O sexo da precarização: transformações nas relações trabalhistas e perpetuação da divisão sexual do trabalho. In: RAMOS FILHO, W.; GOSDAL, T. C.; WANDELLI, L. V. (Org.). *Trabalho e Direito: estudos contra a discriminação e patriarcalismo*. Bauru, SP: Canal 6 Editora, 2013. p. 223-247.



DANIEL, Camila. O trabalho e a questão de gênero: a participação de mulheres na dinâmica do trabalho. O social em questão, n. 25/26, p. 323-344, 2011. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5522/552256749016.pdf>>. Acesso em: 01 Julho 2020.

HIGA, Flávio da Costa. Assédio sexual no trabalho e discriminação de gênero: duas faces da mesma moeda?. Revista Direito GV, v. 12, n. 2, p. 484-515, 2016. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1808-24322016000200484&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1808-24322016000200484&script=sci_arttext)>. Acesso em: 15 Abril 2020.

KECK, Margaret E.; SIKKINK, Kathryn. Transnational advocacy networks in international and regional politics. International social science journal, v. 51, n. 159, p. 89-101, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Proposições, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072008000200003&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072008000200003&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 19 Maio 2020.

MATOS, Ana Carla Harmatiuk; CIRINO, Samia Moda. Análise crítica da efetividade do direito humano ao trabalho: um impasse na discriminação de gênero. REVISTA QUAESTIO IURIS, v. 9, n. 4, p. 1955-1981, 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/quaestioiuris/article/view/22189>>. Acesso em: 29 Março 2020.

MATUELLA, Iazana. Conflitos armados e a agenda internacional: a questão da mulher. Revista Estudos Feministas, v. 25, n. 3, p. 1277-1295, 2017. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2017000301277&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2017000301277&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 5 Abril 2020.

MEDEIROS, Marcelo; PINHEIRO, Luana Simões. Desigualdades de gênero em tempo de trabalho pago e não pago no Brasil, 2013. Soc. estado. Brasília, v. 33, n. 1, p. 159-185, 2018. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922018000100159&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922018000100159&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 01 Julho 2020.

NUNES, Denise Valéria Oliveira. Narrativas de mulheres-engenheiras sobre formação profissional e mundo do trabalho: reflexões e contribuições para o curso de Engenharia Civil de um Instituto Federal. 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/119>>. Acesso em 02 de fev. de 2021.

PEREIRA, Denise. Diferentes, não desiguais. Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, v. 1, 2019.

YIN, R. K. Qualitative research from start to finish (2nd Eds.). New York: GuilPress, 2016.

ZACCARELLI, Laura Menegon; GODOY, Arilda Schmidt. “Deixa-me te contar uma coisa...”: Possibilidades do uso de narrativas e sua análise nas pesquisas em organizações. Revista Gestão Organizacional, v. 6, n. 3, 2013. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rgo/article/view/1521>>. Acesso em: 10 Junho 2020.